

Boletim
Estudos
Clássicos



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

MULHERES AMADAS POR DEUSES

I. O RAPTO DE EUROPA

O tema da paixão de um deus por uma mortal é recorrente na tradição literária da Antiguidade clássica, remontando o motivo do rapto de uma donzela ao *Hino Homérico a Deméter*. Por hábito, a figura feminina encontra-se calmamente a colher flores (cf. Perséfone) e é surpreendida e arrebatada pela divindade apaixonada¹.

Encontramos em Ovídio boa parte dos mitos greco-latinos, entre os quais se conta o do rapto de Europa por Júpiter. Como é sabido, Europa, filha do rei fenício Agenor², é uma das muitas mulheres amadas pelo soberano dos deuses e dos homens: para satisfazer os seus desejos, Júpiter transforma-se num touro alvo e manso e junta-se ao gado do pai da princesa. A donzela, surpreendida pela beleza e pela doçura do animal, acaba por sentar-se no seu dorso, e é levada por ele, através do mar, para a ilha de Creta, onde o deus consuma a sua paixão. Ovídio descreve o rapto de Europa no Livro II das *Metamorfoses*, em versos onde são evidentes distintos momentos: as ordens dadas a Mercúrio por Júpiter (cf. 837-842), seguidas da subsequente execução (843-844), a alusão a Europa e ao amor (844-847), a metamorfose do senhor da terra e dos céus (847-851), a descrição da singularidade de Júpiter sob a forma de touro (851-859), o misto de admiração e receio provocados pelo belo animal na jovem princesa (858-860), a aproximação gradual da donzela (861 sqq.), seguida do seu rapto pelo touro, para consumação do prazer ansiado (cf. 870 sqq.).

Texto

«Fide minister» ait <Iuppiter> «iussorum, nate, meorum,
pelle moram solitoque celer delabere cursu
quaeque tuam matrem tellus a parte sinistra

¹ Cf. M. F. Silva, “Elementos visuais e pictóricos em Eurípides”, *Ensaio sobre Eurípides* (Lisboa 2005) 330 sqq.

² Segundo outras versões do mito, o seu pai era Fénix, tido geralmente como o herói epónimo dos Fenícios.

suspicit (indigenae Sidonida nomine dicunt), hanc pete, quodque procul montano gramine pasci armentum regale uides, ad litora uerte».	840
Dixit et expulsi iamdudum monte iuueni litora iussa petunt, ubi magni filia regis ludere uirginibus Tyrii comitata solebat.	845
Non bene conueniunt nec in una sede morantur maiestas et amor; sceptri grauitate relicta, ille pater rectorque deum, cui dextra trisulcis ignibus armata est, qui nutu concutit orbem, induitur faciem tauri mixtusque iuuenis	850
mugit et in teneris formosus obambulat herbis. Quippe color niuis est, quam nec uestigia duri calcauere pedis nec soluit aquaticus Auster. Colla toris exstant, armis palearia pendent; cornua parua quidem, sed quae contendere possis	855
facta manu puraque magis perlucida gemma. Nullae in fronte minae nec formidabile lumen; pacem uultus habet. Miratur Agenore nata quod tam formosus, quod proelia nulla minetur; sed quamuis mitem, metuit contingere primo.	860
Mox adit et flores ad candida porrigit ora. gaudet amans et, dum ueniat sperata uoluptas, oscula dat manibus; uix iam, uix cetera differt. Et nunc alludit uiridique exultat in herba nunc latus in fuluis niueum deponit harenis;	865
paulatimque metu dempto, modo pectoral praebet uirginea plaudenda manu, modo cornua sertis impedienda nouis. Ausa est quoque regia uirgo, nescia quem premeret, tergo considerare tauri, cum deus a terra siccoque a litore sensim	870
falsa pedum primo uestigia ponit in undis, inde abit ulterius medii que per aequora ponti fert praedam. Pauet haec litusque ablata relictum respicit et dextra cornum tenet, altera dorso imposita est; tremulae sinuantur flamine uestes.	875

(Ov., *Met.* 2. 837-875)

Propostas para a exploração do texto

Vocabulário

- indicador de graus de parentesco (cf. *nate, matrem, filia, pater*);
- sugestivo de ambientes distintos: montanha vs. praia (cf. *montano, monte, / litora, aequora, ponti*);
- alusivo ao mundo animal (cf. *armentum, tauri, mugit, cornua*);
- caracterizador da beleza de Júpiter sob a figura de um touro (cf. *formosus, colla toris exstant, cornua (...) quae contendere possis facta manu, puraque magis perlucida gemma*);
- relativo à ideia de realeza (cf. *regale, regis, sceptri, rector*);
- expressivo de emoções (cf. *miratur, metuit, gaudet, metu dempto*);
- próprio da linguagem amorosa (cf. *amor, amans, uoluptas, oscula dat*);
- indicador de cor (cf. *niuis, candida, uiridi, fuluis, niueum*);
- tradutor de diferentes sensações (cf. *mugit, obambulat, perlucida, uiridi, plaudenda manu*).

Aspectos morfológicos

- a flexão de *deus, dei*;
- substantivos usados apenas no plural (*arma, armorum*);
- a 4ª declinação (cf. *cursus, manus, uultus/ cornu*);
- revisão de diversos pronomes/ determinantes: possessivos (*meorum, tuam*), demonstrativos (*hanc, haec, ille*), relativo (*qui, cui, quem, quae, quam*), indefinidos (*nullae*);
- o imperativo (*pelle, delabere, pete, uerte*);
- o gerundivo (*plaudenda, impedienda*);
- verbos depoentes (*morantur, delabere, pasci, miratur, minetur*) e semidepoentes (*ausa est*);
- verbos defectivos (*ait*).

Questões sintáticas

- o agente da passiva (*flamine*);
- o segundo termo de comparação, expresso em ablativo (*pura gemma*);
- diversos complementos circunstanciais, por vezes com a preposição omitida, como é frequente na linguagem poética:
 - a) de lugar (cf. *in teneris herbis, ad litora, a parte sinistra/ montano gramine, monte, litora*);

- b) de meio (*trisulcis ignibus*);
 c) de origem (*Agenore nata*);
 - o uso de *comitata* com ablativo (*uriginibus Tyriis*);
 - orações subordinadas:
 a) relativas (*quaeque (...) suspicit, quodque (...) uides, cui (...) armata est...*);
 b) concessivas, sem a forma verbal expressa (*quamuis mitem*);
 c) temporais (*dum ueniat (...) uoluptas, cum deus (...) ponit*);
 d) completivas com *quod*, depois de verbos sensitivos (*miratur quod (...) minetur*);
 e) completivas interrogativas indirectas (*nescia quem premeret*);
 - o uso do gerundivo, a exprimir a ideia de fim (*uirginea plaudenda manu, sertis impedienda nouis*);
 - a indeterminação do sujeito, através do emprego da 2ª pessoa do singular do presente do conjuntivo (*possis*);
 - a expressão da ordem (*pelle, delabere, pete, uerte*);
 - o acusativo de conformidade (*iussa*);
 - o ablativo de ponto de vista (*nomine*);
 - o ablativo absoluto (*sceptri grauitate relictis, metu dempto*).

Sugestão de tradução

‘«Fiel ministro das minhas ordens³» - diz <Júpiter>, «meu filho, deixa a demora e, célere, desce na tua marcha habitual; aquela terra que, do lado esquerdo, contempla a tua mãe⁴, (os nativos chamam-lhe Sídon), dirige-te para ela, 840 e a manada real que vires a pastar ao longe, na erva da montanha, volta-a para o litoral». Assim falou e imediatamente os novilhos, banidos da montanha, se dirigem para o litoral, conforme as ordens, onde a filha do [grande rei costumava jogar⁵, acompanhada pelas donzelas de Tiro. 845 Não se ajustam bem, nem moram num mesmo lugar, a majestade e o amor; abandonada a solenidade do ceptro, o célebre pai e soberano dos deuses, ao qual a mão direita foi armada

³ Mercúrio.

⁴ Maia, uma das Pléíades.

⁵ Europa, filha do rei fenício Agenor, de acordo com a versão de Ovídio.

- com o raio de três pontas, ele que, com um aceno de cabeça
[abala o mundo,
toma a aparência de um touro e, misturado com os novilhos, 850
põe-se a mugir; belo, deambula pela erva verdejante.
Com efeito, a <sua> cor é a da neve que nem a planta do duro pé
calcou, nem o húmido Austro derreteu.
O pescoço sobressai com os músculos, a papada pende das espáduas,
os chifres, pequenos, na verdade, mas que poder-se-ia afirmar 855
feitos à mão e mais brilhantes do que uma gema pura.
Nenhumas ameaças na frente, nem olhos temíveis;
a expressão é de paz. A filha de Agenor admira-se
com um <animal> tão belo, que nenhuns combates ameaça;
porém, embora dócil, no início receia tocar-lhe. 860
Em breve se aproxima e oferece flores à sua alva boca.
Regozija-se o apaixonado e, até que chegue o prazer desejado,
dá-lhe beijos nas mãos. Já a custo, a muito custo, adia o resto.
E ora brinca e salta na verde erva,
ora estende o níveo flanco na areia dourada; 865
- a pouco e pouco dissipado o medo, ele oferece o peito
para ser afagado pela mão da donzela, e os chifres para serem
[entrelaçados
com frescas grinaldas. E a donzela régia ousou
sentar-se sobre o dorso do touro, desconhecendo quem a incitava,
quando o deus põe gradualmente os falsos cascos fora da terra 870
e da areia seca, nas ondas mais próximas;
daí, afasta-se para mais longe e leva a sua presa pela água,
no meio do mar. Ela tem medo e, conduzida, contempla a praia
[deixada para trás;
com a mão direita agarra o chifre; a outra, pô-la sobre
o dorso; a roupa ondulante é agitada pela brisa'. 875

Elementos estilísticos

- adjectivos cromáticos, que destacam quer a frescura e cor do cenário envolvente, quer a singularidade do touro branco;
- verbos dinâmicos, tradutores da agitação do apaixonado;
- presença do discurso directo, expressivo da vontade do soberano dos homens e dos deuses (cf. 837-842);

- domínio da parataxe sobre a hipotaxe, a evidenciar os distintos momentos do episódio, nomeadamente a descrição do belo animal (cf. 852-858);
- lítotes, a marcar a distinção do touro (cf. 857, 859);
- anáfora tradutora dificuldade do apaixonado em conter por mais tempo os seus anseios (863).

O motivo do rapto de Europa⁶

a) na cartografia do séc. XVI⁷

- a representação da Europa sob a forma de uma jovem coroada, cuja Península Ibérica é a cabeça, e o topo da coroa, a Lusitânia, aparece em mapas do século XVI. Nessas imagens antropomórficas de Europa, a jovem tem por pescoço os Pirinéus, como braço direito a Itália, e como esquerdo a Dinamarca; o resto do corpo é preenchido pelas outras partes do velho continente.

b) na Literatura

- Roberto Calasso, *As núpcias de Cadmo e Harmonia*;
- David Mourão-Ferreira, “Retrato de rapariga”;
- Nuno Júdice, “O rapto de Europa”
- J. R. Ferreira, poema “O futuro sempre por cumprir”, *A outra face do labirinto* (2002).

c) na Música

- Darius Milhaud (França, 1892-1974): *L' enlèvement d'Europe*.

d) nas Artes Plásticas

- Veronese (séc. XVI), “O rapto de Europa”;
- Simon Vouet (séc. XVII), “O rapto de Europa”;
- Gustave Moreau (séc. XIX), “Jupiter et Europe”;

⁶ O motivo do rapto de Europa alarga-se a domínios distintos já na Antiguidade – cf. e.g. Estesícoro, fr. 195 *PMG*, Mosco de Siracusa (séc. II a.C.), *Idílio II* ou *Europa*; pintura de vasos, métopas de templos, frescos, mosaicos (cf. *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, s.v. Europa).

⁷ Cf. S. T. Pinho, “A descrição camoniana da Europa e a cartografia ginecomórfica”, *Separata da Revista Camoniana* – 3^{as}. – vol. 14 (Bauru –São Paulo 2003) 185-228.

- Henri Matisse (séc. XX), “O rapto de Europa”.

e) na Numismática

- moedas de Gortina⁸ dos sécs. V-IV a. C. mostram Europa sobre o dorso do touro;

- actuais moedas gregas de 2 euros apresentam a princesa filha de Agenor montada num touro, como nas antigas moedas de Gortina;

- moeda italiana de 2 euros, comemorativa do primeiro aniversário da assinatura da Constituição Europeia, exhibe Europa e o touro, sendo que a princesa fénícia segura uma caneta e o texto da Constituição Europeia.



Moeda grega de 2 €



Moeda italiana de 2 euros,
comemorativa do 1º aniversário da
assinatura da Constituição Europeia.

SUSANA MARQUES

⁸ Local cretense onde Zeus e Europa consumam a sua união.